

# A SIMBOLOGIA DO SOM EM ROMA

## REPRESENTATION OF SOUND IN ROMA

Gustavo de Oliveira Brandão

UFBA

gustavodeoliveirabrandao@gmail.com

**RESUMO:** O som no cinema é um elemento importante, entretanto é pouco reconhecido em críticas e análises sobre o cinema. Pensando nessa problemática, esse ensaio parte desse ponto para pensar as possibilidades de construções sonoras através do audiovisual, com isso toma-se com exemplo o filme Roma (2018, dir. Afonso Cuarón) pensando na simbologia de representação de suas temáticas afim como gênero, raça, classe através da experiência sonora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simbologia. Cinema. Som.

**ABSTRACT:** Sound in cinema is an important element, however it is little recognized in criticism and analysis about cinema. Thinking about this problem, this essay starts from this point to think about the possibilities of sound constructions through the audiovisual, with the example of the film Roma (2018, dir. Afonso Cuarón) thinking about the symbolism of representation of its related themes as genre, race, class through sound experience.

**KEYWORDS:** Symbology. Movie theater. Sound.

### INTRODUÇÃO

O som no cinema é um elemento estritamente importante tão quanto a imagem. Desde o advento do cinema, mesmo não estando embutido na imagem em tela ele estava nas orquestras que acompanhavam as projeções (ALDELMO, 2010)<sup>2</sup>. Segundo Deleuze (2018), o som sempre se fez presente no conceito “cinema”. Para o autor a imagem em movimento, sonora ou muda, traz um desenho de som consigo.

Com advento do cinema falado e as constantes evoluções tecnológicas, cada vez mais a construção sonora foi tomando espaço de importância na narrativa assim como a construção imagética. Mesmo com essa importância, poucas correntes das teorias do cinema se debruçam a estudá-lo. Robert Stam (2003) aponta que o som é entendido por muitos teóricos e cineastas “como um mero acessório ou suplemento da imagem” (2010, p. 260). No entanto, ele permite assim como na imagem, a construção de artifícios, simbologias e subtextos. O som para Stam tem uma vantagem em relação a imagem.

Um objeto filmado perde uma dimensão ao ser gravado, ao passo que o som gravado mantém as suas dimensões; ele origina como uma vibração no ar e segue funcionando da mesma maneira quando transformado em gravação. O som

---

<sup>2</sup> O cinema sempre tentou experimentos com o som, há relatos de desde os pré-cinemas de experiências e tentativas de reprodução do som junto a imagem. A exemplo da criação do kinetógrafo (aparelho que reproduzia pequenos vídeos) por Thomas Edison para acompanhar ser visto acompanhado de um fonógrafo, aparelho de som. Fonte: AMOUNT, Jaques; MARIE, Michel. Dicionário Crítico e Teórico do Cinema. São Paulo: Papyrus Editora. 2ª Edição, 2006.

“dobra” esquinas, mas os raios de luz são bloqueados; podemos escutar a trilha sonora de um filme tocando em uma sala vizinha, mas não conseguimos enxergar suas imagens. (2010, p. 239)

Pode se dizer que imagem e som são elementos complementares dentro de um filme, apresentando importância semelhante na projeção fílmica. Basicamente “assistir a um espetáculo audiovisual equivaleria, em suma, a ver imagens e a ouvir sons.” (CHION, 2008)

Pensando nesse lugar qual som ocupa no cinema e suas possibilidades de representação, este ensaio visa discutir a simbologia sonora do filme *Roma* (México, 2018) de Alfonso Cuarón, por se tratar de um filme aonde vários artifícios são representados através do som. Apesar disso, os elementos visuais igualmente marcantes, são mais lembrados, elogiados e discutidos nas críticas em geral<sup>3</sup>. O som representa questões caras a temáticas abordadas na obra a saber, de gênero, raça, classe e terceiro mundo.

*Roma* é um filme semiautobiográfico que tem como protagonista a empregada indígena Cleo (Yalitza Aparicio) abordando a relação dela com o meio em que vive e suas transformações do micro ao macro: seja de sua própria vida, da estrutura familiar dos seus padrões, e do cenário sociopolítico mexicano da época. A produção se deu logo após a vitória de Alfonso Cuarón ao *Oscar* de melhor diretor com a ficção científica *Gravidade* (EUA, 2013) e do reconhecimento mundial do diretor pela realização de *blockbusters* hollywoodianos.

Apesar de se tratar de um filme independente realizado e produzido no México, ele conta com aspectos próximos da lógica de produção hollywoodiana, a exemplo da direção de arte responsável por reconstituir o bairro Roma (que dá nome ao filme e onde maior parte da trama se passa) dos anos 70 e da presença de Skip Lievsay, design de som de musicais e *blockbusters* hollywoodianos na equipe de som.

Tanto por sua trama e modo de abordagem onde não só o protagonismo, mas todo o ponto de vista do filme pertence a Cléo figura subalternizada por ser mulher, doméstica e indígena, como por seu contexto de produção que

---

<sup>3</sup> Nas críticas publicadas em publicadas em três reconhecidos portais brasileiros especializados em cinema: Omelete (<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/roma>. Acesso em 20/06/19); Cinema em Cena (<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8475/roma>. Acesso em 20/06/19) e Cinema com Rapadura (<https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/518023/critica-roma-2018-com-amor-alfonso-cuaron/>. Acesso em 20/06/19), sobre o filme *Roma*, o som no filme é brevemente ou sequer mencionado.

amalgama elementos de realização cinematográfica do primeiro com terceiro mundo, *Roma* pode entendida como um filme expoente da estética da resistência. Estética da resistência é a definição dada por Ella Shohat e Robert Stam (2006) à filmes de terceiro mundo e/ou contra hegemônicos que imprimem em sua estética, narrativa e modo de produção elementos de contraposição a lógica e visão de mundo eurocêntrica.

Toda sua construção sonora é marcada por artifícios e elementos simbólicos que marcam Cleo frente ao mundo ao redor. Dois elementos são centrais para entender as simbologias a serem apresentadas e discutidas: primeiro a ausência de som extradiegético; e segundo o ponto de vista, ou nesse caso o “ponto de escuta” pertencente a Cléo. Em suma, tudo o que se ouve seja pela sua intensidade e/ou projeção, faz parte da diegese do filme e do ponto de vista físico e subjetivo da personagem.

Vários elementos do ambiente ao redor podem ser escutados em cena, em cenas de silêncio é possível escutar barulhos fora do campo de visão. Tal construção sonora é semelhante à do filme “O Som ao Redor” (Brasil, 2013) de Kleber Mendonça Filho. Enquanto no longa brasileiro o som parte de vários “pontos de escuta” dos diversos personagens, o som em *Roma* sempre parte do ponto da protagonista. Esse uso de som na trama simboliza a relação de Cleo com o mundo ao redor: de indiferença e observação.

Indiferença por aquilo não necessariamente lhe dizer respeito, como a separação dos seus patrões ou as conversas dos hospedes americanos na casa de férias; observação por ela sempre está a ouvir e ver o que acontece ao seu redor. Cleo ouve os sussurros dos patrões quanto a separação e a traição do pai da família entre outros fatos como as manifestações populares. Sobre a cena das manifestações vale dissertar um comentário a parte: nela, o som se intensifica cada mais que a vida de Cleo se choca com as manifestações.

A sequência em questão marca um ponto de clímax da história: trata-se do momento em Cleo, grávida vai junto com a mãe de sua pátria atrás de um berço para o seu bebê. Ouve-se barulho abafado das manifestações das manifestações. O som vai tomando conta da cena até, com intensificação dos confrontos, ele “invadir” por completo com a fuga de manifestantes para dentro da loja. O ápice sonoro se dá quando há um choque literal entre Cleo e a manifestação ao se deparar com Fermin (Jorge Antonio Guerrero), pai de sua

criança, atirando nos manifestantes. Logo após esse encontro há o rompimento da bolsa.

A escuta aponta para outra característica da protagonista: o silêncio. Cleo se expressa poucas palavras o que para Guillermo Del Toro é usado como arco dramático da personagem.<sup>4</sup> Seu silêncio também marca relação com seus empregadores: na maioria das cenas onde encontra toda a família, ela aparece em silêncio realizando alguma atividade doméstica. O silêncio neste caso aponta tanto a condição de opressão de Cleo intimidada, como também a visão alheia dos patrões em relação a ela e suas subjetividades.

As hierarquias de gênero, raça, classe, e terceiro mundo estão sempre presentes durante a projeção e nesse aspecto, vários artifícios sonoros são usados para marcar essas hierarquias. Quando Cleo está sozinha em cena, com a sua colega de trabalho Adela (Nancy Garcia) ou com as crianças da casa, a sua voz é mais alta em relação as conversas com sua patroa Sofia (Marina de Tavira) marcando não só a relação de hierarquia, mas também de empatia.

A presença masculina também é caracterizada pelo som: a primeira aparição do pai da família é marcada por som alto do carro e da ópera ouvida pelo homem, a sua chegada quebra lógica sonora de dentro da casa até então. Algo semelhante ocorre quando Cleo vai ao encontro de Fermin para conversar sobre a gravidez ele impõe sua masculinidade através de gritos e movimentos estridentes.

Outro aspecto interessante do som é em relação aos idiomas. Há a presença de três línguas no filme: o espanhol, mixteco uma língua nativa indígena e o inglês. A intensidade deles também é marcada pela subjetividade de Cleo: o idioma nativo simboliza a sua intimidade, suas falas em mixteco são mais altas em relação as em espanhol que por sua vez, simboliza o cotidiano e a opressão da personagem frente a realidade diária. A sequência final, marcada pelo grito de Cleo após salvar as crianças marca não apenas a resolução do seu arco narrativo como também um momento onde ela consegue expressar seus

---

<sup>4</sup> Na minha visão, o "silêncio" de Cleo é usado como uma ferramenta para o arco dramático dela - que leva para a revelação da sua dor mais íntima, pela água novamente, depois do resgate no oceano: "não queria que ela nascesse". Cleo supera e guarda suas emoções em silêncio até que finalmente elas saem (Guillermo Del Toro via Twitter. Fonte: <https://www.omelete.com.br/filmes/guillermo-del-toro-faz-sua-analise-de-roma-leia#12>. Acesso em 26/06/19

sentimentos para além dos momentos de intimidade. O inglês representa o distante e isso fica bastante claro tanto no som como imagem, as falas são breves e mais baixas em relação aos outros dois idiomas, representando a relação de apatia dos americanos com o ambiente mexicano e de Cleo com eles.

Os elementos simbólicos do som do filme *Roma* levantadas nesse ensaio partem de análises com base em materiais teóricos sobre o som no cinema e em percepções suscitadas pela leitura desses materiais e análise da obra. Contudo, essas percepções podem não ser as únicas, é provável que o som do filme traga mais elementos de representação além dos exemplificados.

As conclusões apresentadas reforçam a importância do som no cinema com elemento de representações e atesta para importância dos expectadores, críticos e teóricos se atentarem para os sons dos filmes. *Roma* exprime como o som pode ser elemento de construção da narrativa onde simbologias, subtextos, subjetividades, pontos de vista e outros artifícios de representação tem uma possibilidade representação tão potente quanto a da imagem.

## Referências

ADELMO, Luiz F. M. **Som-imagem no cinema**: a experiência alemã de Fritz Lang. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CHION, Michel. **A Audiovisão**: Som e Imagem no Cinema. Portugal: Edições texto & grafia, 2008.

CUARON, Afonso. **Roma**. México: Netflix, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1**: Imagem-movimento. São Paulo: Editora 34, 2018.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica a imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006

STAM, Robert. **Introdução a teoria do cinema**. São Paulo: Papyrus, 2003

Recebido em 11 de setembro de 2019.

Aceito em 17 de setembro de 2019.